

ARTIGO

JORNALISMO LITERÁRIO: UMA RECEITA MINEIRA A PARTIR DA ANÁLISE DA OBRA DE ROBERTO DRUMMOND

Tiago Gonçalves¹
Celso Luiz Falaschi²**Resumo**

Este artigo analisa a presença e a aplicação dos sete pilares do Jornalismo Literário — humanização, imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos e metáforas, e digressão (Sims, 1996) — na série de reportagens “Mulher, Receita Mineira”, escrita por Roberto Drummond e publicada em 1969 no “Caderno Feminino” do jornal *Estado de Minas*, vencedora do Prêmio Esso Regional naquele ano. A pesquisa destaca também o uso da narrativa em primeira pessoa como recurso característico do Jornalismo Literário, contrastando com a predominância da terceira pessoa no jornalismo tradicional. A análise contribui para a compreensão das possibilidades estilísticas e narrativas no fazer jornalístico, especialmente no contexto brasileiro da década de 1960.

Palavras-chave: Jornalismo Literário; Roberto Drummond; narrativa em primeira pessoa.

Abstract

This article analyzes the presence and application of the seven pillars of Literary Journalism — humanization, reporter immersion in reality, authorial voice, style, accuracy of data and information, use of symbols and metaphors, and digression (Sims, 1996) — in the reportage series *Mulher, Receita Mineira* (“Woman, Minas Gerais Recipe”), written by journalist and author Roberto Drummond and published in 1969 in the “Caderno Feminino” section of the newspaper *Estado de Minas*, winner of the 1969 Esso Regional Award. The study also highlights the use of first-person narrative as a distinctive element of Literary Journalism, in contrast to the third-person voice typically found in traditional journalism. This analysis contributes to a deeper understanding of the stylistic and narrative possibilities within journalistic practice, particularly in the Brazilian context of the 1960s.

Keywords: Literary journalism; Roberto Drummond; first-person narrative.

Introdução

Qual a receita da mulher brasileira? Serão duas xícaras de chá da solidariedade de Helena Antipoff, três colheres de sopa de elegância da socialite mineira Lilian Sônia, duas pitadas de sensibilidade da poetisa Henriqueta Lisboa, uma colher de chá de

¹ Jornalista pela PUC-Campinas, especialista pela Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL). Graduando em Psicologia pela Universidade São Francisco (USF). Escritor.

² Doutor em Psicologia pela PUC-Campinas, onde fez também o mestrado em Educação e a graduação em Jornalismo. Arterapeuta e produtor cultural.



irreverência de Many Catão, uma dose de talento da atriz Domitila Amaral e os encantos de Ângela Villas Boas, a Pantera de Minas, a gosto? Quem sabe... O jeito é misturar todos os ingredientes, colocar para assar num forno à lenha e provar do resultado. Foi o que fez, ao longo da série *Mulher, Receita Mineira*, o cozinheiro, isto é, o jornalista mineiro Roberto Drummond (1933-2002). Ao abrir seu caderninho de receitas, que traz as folhas salpicadas pelo suor da autêntica apuração jornalística, Roberto revelou ao leitor a verdadeira composição da alma feminina brasileira, composta por medos, paixões, sonhos, desastres, amor, fortuna, pecado, religiosidade, sortilégios e ambições...

Se bem que, ao trazer à tona a receita da mulher brasileira, Roberto Drummond revela aos leitores o bê-á-bá de um jornalismo anticonvencional, que foge aos padrões, técnicas e estigmas preconcebidos da imprensa tradicional, como pirâmide invertida, lide e imparcialidade. Mas afinal, o que Drummond fez na série de reportagens *Mulher, Receita Mineira*, publicada no *Caderno Feminino* do *Estado de Minas*, pode ser rotulado como Jornalismo Literário? *A priori*, a resposta fica no ar. Mas convido o leitor a subir nas asas de uma cotovia e, em minha companhia, voar até Belo Horizonte dos anos 60 e tentar decifrar este enigma.

A série em análise foi publicada entre 13 de abril e 6 de julho de 1969, trazendo entrevistas com doze personagens femininas de Belo Horizonte, chamadas por Drummond de “mulheres-mito”. Com sensibilidade e criatividade, o autor traçou perfis que ultrapassam o registro factual e se aproximam da literatura, compondo uma narrativa marcada por subjetividade, lirismo e profundidade emocional. Assim, este estudo propõe confrontar essa série com a teoria do Jornalismo Literário (JL) definida pelo jornalista norte-americano Norman Sims (1996), cuja tradução para o português foi realizada por Falaschi (2005). O objetivo é verificar a presença (ou ausência) dos sete pilares do JL na obra de Drummond: 1) humanização; 2) imersão do repórter na realidade; 3) voz autoral; 4) estilo; 5) precisão de dados e informações; 6) uso de símbolos e metáforas; e 7) digressão. Como todas as reportagens foram escritas em primeira pessoa, a análise também se debruçará sobre o uso dessa voz narrativa no jornalismo, buscando compreender sua contribuição específica ao JL.

Apesar de serem encarados como dois gêneros distintos, tanto o jornalismo quanto a literatura bebem na fonte da linguagem, isto é, ambos têm como principal meio de expressão a palavra para a obtenção de seus principais objetivos. Por conta



disso, os traços de similitudes são evidentes. Lima (2004) discursa sobre as fronteiras entre jornalismo e literatura: “O jornalismo absorve assim elementos do fazer literário mas, camaleão, transforma-os, dá-lhes aproveitamento direcionado a outro fim” (2004, p. 178). No entanto, o processo não se restringe apenas ao tráfego do jornalismo pelos campos literários. Mas ao contrário também:

Num primeiro movimento, o jornalismo bebe na fonte da literatura. Num segundo, é esta que descobre, no jornalismo, fonte para reciclar sua prática, enriquecendo-a com uma variante bifurcada em duas possibilidades: a de representação do real efetivo, uma espécie de reportagem – com sabor literário – dos episódios sociais, e a incorporação do estilo de expressão escrita que vai aos poucos diferenciando o jornalismo, com suas marcas distintas de precisão, clareza, simplicidade. (Lima, 2004, p. 178)

Lima, na mesma obra, traz ainda um trecho de uma entrevista com o crítico Boris Schnaiderman que afirma:

Acho errado ver uma barreira intransponível entre o jornalismo e a literatura. [...] Ora, literatura e jornalismo estão tão próximos, tão ligados. O jornalismo apropria-se das técnicas da literatura e vice-versa. [...] Qualquer reportagem bem feita tem elementos literários. [...] Porque o literário não é apenas um ornamento. [...] Em termos modernos, a literatura e o jornalismo são vasos comunicantes, são formas diferentes de um mesmo processo. (*apud* Lima, 2004, p. 179)

Sob a premissa do jornalista Joel Silveira de que o bom jornalismo é literatura, qual será a opinião de Roberto Drummond sobre essa questão? Em entrevista dada ao repórter Luiz Otávio (2001), para o portal eletrônico Comunique-se, de Belo Horizonte, Roberto foi enfático ao afirmar: “Na verdade, existe em todo repórter um autor literário em palpitação, que pode ou não se manifestar, dependendo de uma série de circunstâncias, tanto de caráter pessoal como determinadas pelas opções pessoais ou imposições externas”.

Portanto, para Roberto Drummond, as relações entre o escritor de ficção e o escritor da realidade sempre foram favoráveis e, sobretudo, harmônicas. “Em minha literatura, há traços evidentes que demonstram que o repórter e o cronista se confundem com o escritor. [...] Não fosse a palpitação constante e instigante da sensibilidade jornalística, talvez nem mesmo existisse hoje o escritor”.



Tanto faz ser escritor ou jornalista, a percepção da realidade, bem como um olhar específico para decifrá-la, deve estar presente durante todo o processo de criação e escrita. “Se hoje sou escritor, é porque nunca deixei de ser um repórter e um cronista do cotidiano”, dizia Drummond. Em 1996, por meio da publicação *Literary Journalism*, o escritor, jornalista e professor Norman Sims identificou sete elementos principais do JL, traduzidos para o português por Falaschi (2005). Esses elementos estão sintetizados a seguir:

- **Humanização:** a narrativa deve trazer à tona o ser humano, abolindo o relato frio e distante. A emoção e a compreensão profunda das pessoas são centrais no JL.
- **Imersão do repórter na realidade:** o repórter deve gastar o tempo necessário para conhecer o personagem ou a situação sobre a qual pretende escrever, podendo levar dias, meses ou até anos de pesquisa. Para Sims (1996), se a imersão não puder ser alcançada, deve ser pelo menos tentada. Ela denota audácia, autoridade, credibilidade e emoção.
- **Voz autoral:** o jornalista é um contador de histórias e pode narrar os acontecimentos com detalhes e não-linearidade, sem interferir no conteúdo. A voz autoral é tão importante quanto a ambientação na estrutura textual.
- **Estilo:** o repórter deve desenvolver um texto próprio, sem se prender à pirâmide invertida ou ao lide. Pode utilizar elementos da ficção, como suspense, diálogos, antecipações ou *flashbacks*, em primeira ou terceira pessoa.
- **Precisão de dados e informações:** a narrativa deve manter-se fiel à factualidade, veracidade e interesse público. O repórter escreve o que viu, ouviu ou sentiu, sem inventar personagens, situações ou falas.
- **Uso de símbolos e metáforas:** o jornalista ativa o subconsciente ao usar simbolismos e figuras de linguagem, aproximando o texto jornalístico da narrativa ficcional e facilitando a apreensão sensorial pelo leitor.
- **Digressão:** trata-se da busca de novas formas de abordar o assunto, afastando-se da personagem central para aprofundar temas interligados, com um mergulho vertical (na personagem) e horizontal (cruzamento de dados).



A seguir, vamos conhecer as doze mulheres entrevistadas por Roberto Drummond por meio da apresentação que o autor fez de cada uma delas nas reportagens. Abaixo do nome da personagem, estão transcritos os títulos dos textos e a data de publicação:

I) Zilda Couto (socialite)

Viagem a um mundo encantado (13/04/1969)

É muito perigoso rotular as pessoas. Podemos, se estamos prevenidos, dizer que todas as mulheres do society são fúteis ou que todas as intelectuais são bichos estranhos. É arriscado generalizar, se quisermos ser verdadeiros. A sra. Zilda Couto, por exemplo, é da lista da “Dez Mais” [...] E dela, o que ficou é a imagem de uma mulher perfeccionista e mística [...].

II) Helena Antipoff (educadora)

Os cabelos cor de cinza do amor (20/04/1969)

Tudo começou a acontecer 40 anos atrás. Uma mulher chamada Helena Antipoff, que mal sabia falar o português, chegava a Minas. Trazia na lembrança amargas e um sonho: dar toda uma vida pelas crianças excepcionais. De lá para cá, muita coisa mudou. A educadora Helena Antipoff foi perdendo o sotaque russo e, aos poucos, foi vendo seu sonho tão real como a Fazenda do Rosário. O nome de dona Helena Antipoff é agora famoso no mundo. Mas, sempre, ela evitou falar sobre a própria vida. Agora, concordou, e, o resultado, é fascinante.

III) Lilian Sônia (socialite)

Duas ou três coisas dela (27/04/1969)

Ela foi lançada, numa festa de debutantes, pelo cronista Wilson Frade. – Era uma dessas moças que a gente vê e não sabe como descrever - depõe Wilson Frade – e o tempo só lhe fez bem. Nos 9 anos que passaram muitas coisas aconteceram: ela se casou, tem uma filha de 4 anos, e vem aparecendo em todas as listas de “Dez Mais”, pela beleza e elegância. E, mais do que isso, a sra. Lilian Sônia Augusto Ferreira é considerada uma das mulheres mais bonitas do Brasil. Aí está, tal como a viram Roberto Drummond e Evandro Santiago, a sra. Lilian Sônia Augusto Ferreira.

IV) Henriqueta Lisboa (poetisa)

Do fundo do azul do mundo (04/05/1969)

Nome: Henriqueta Lisboa; profissão: poetisa; referência: é uma das grandes figuras da literatura nacional. Ela é brasileira e, mais do que



isso, mineira. Mas essa circunstância não impede que seus poemas sejam admirados também em outras línguas. Vários deles já ganharam traduções estrangeiras. É que nas mãos da poetisa de “Azul Profundo” o mundo é pequeno, pequeno e azul. Henriqueta Lisboa já ganhou muitos prêmios com seus 19 livros. E é, ainda, a única mulher que conseguiu entrar para uma academia de letras, no caso, a de Minas. Mesmo assim, talvez, não seja tão conhecida como também merece. Mas ninguém pode deixar de ler esta história verdadeira de uma mulher só, bem só com seus livros.

V) Many Catão (estilista)

A vida é uma festa brava (11/05/1969)

Many, com y, Catão Viana Novais: mineira, nascida em Belo Horizonte, personagem do romance “O Amanuense Belmiro”, de Ciro dos Anjos, mas grega de coração. Ela é uma artista, muito comentada pelas colunas sociais. Mas nunca fez pintura, nem desenho, nem escultura. Suas criações artísticas andam na cabeça das mulheres elegantes. São os chapéus de Many Catão, os chapéus que ela faz com material de Paris, com uma arte rara. Ex-jornalista, ex-cantora, ex-locutora, é uma mulher do mundo. Sem ser rica, doou sua única fortuna – o apartamento – para as velhas do Asilo Santa Isabel. Sempre foi uma rebelde. Dela é a definição irônica: TFM, o mesmo que Tradicional Família Mineira. Preparem-se para fazer, com Roberto Drummond e Evandro Santiago, uma viagem fascinante pelo mundo de Many Catão.

VI) Priscila Freire (atriz e diretora teatral)

A personagem à procura de um sonho (18/05/1969)

Alguns anos atrás ela era só sra. Alberto Freire, “née” Priscila Euler, como diziam os colunistas sociais, e circulava apenas nas reuniões do society. Depois aconteceu uma peça na vida dela: “As Mulheres”. Parecia, apenas, um hobby a mais de uma mulher que sempre gostou de colecionar corujas de barro, madeira, ou em quadros e gravuras. Mas não. Vieram outras peças, como Seis Personagens à procura de um Autor, Sonhos de Teodoro, A Carta Perdida e Mandrágora. Em todas estava a atriz Priscila Freire. Com “A Bruxinha Que Era Boa”, Priscila Freire realiza sua experiência como diretora teatral – ela que é, também, diretora social do Automóvel Clube. Já fez um filme, ainda inédito, o “Puro Fantasma”, faz um programa na TV Itacolomi e já escreveu artigos sobre artes plásticas e teatro.

VII) Ângela Villas Boas (socialite)

Uma canção batendo na pedra (25/05/1969)

Faz dez anos que acontece a mesma coisa. Nós abrimos uma coluna social e lá está o nome dela: Ângela Villas Boas, antes Ângela Diniz, quando solteira. Ela é uma das senhoras mais notícia do society mineiro, por causa da sua elegância e beleza. Do que anotam nas



recepções, os colunistas têm sempre alguma coisa assim para nos contar: “Ângela Villas Boas fazia uma das personagens de maior charme e elegância, no Automóvel Clube”. Mas, afinal, quem é a sra. Ângela Villas Boas? Vamos, aqui, responder a muitas perguntas: ela é autêntica, uma esnobe, uma sofisticada? Sim, autêntica ela é. E certamente vocês vão ficar conhecendo bem, como se tivessem falado com ela, a sra. Ângela Villas Boas.

VIII) Domitila do Amaral (atriz)

Grande e estranho é o mundo (01/06/1969)

Uma filha de paulistas de 400 anos, Maria Helena Amaral, chegou em Paris em 1951, como milhares de outras moças. Pouco tempo depois, com um novo nome, Domitila do Amaral, ela ganhou a primeira página dos jornais franceses. Tudo porque, interpretando Yerma, a peça de Garcia Lorca, foi considerada uma das grandes atrizes da Europa. “Yerma ganhou em Domitila do Amaral, - gritavam os jornais – a sua maior intérprete de todos os tempos”. Mas Domitila do Amaral trocou Paris por refúgio em Ouro Preto. É uma mulher mistério, cercada não só por um muro de pedras, mas por várias lendas. Vive de traduzir livros – fala cinco línguas – e de escultura. Por que abandonou a glória por um esconderijo? É o que vocês vão saber lendo a primeira entrevista dada por Domitila do Amaral.

IX) Lúcia Machado (escritora)

Quando o mundo também é criança (08/06/1969)

Todos os sonhos são possíveis e viram verdade. Basta que as crianças, grandes ou pequenas, abram um livro da escritora Lúcia Machado de Almeida. Então, muitas coisas começam a acontecer – descemos ao fundo do mar, subimos rumo à Lua ou, também acontece, andamos pelas ladeiras de Ouro Preto, entramos nas igrejas de Sabará, damos um pulo a Diamantina. Existe, em todo, um toque de encantamento. Irmã do escritor Aníbal Machado, do médico Lucas Machado e do político Cristiano Machado, Lúcia Machado de Almeida começou a escrever quase por acaso. Mineira, com um amor pelas cidades históricas que aprendeu do marido, sr. Antônio Joaquim de Almeida, ela tem milhares de amigos em todo o País – os meninos, não importa a idade que tenham, se 8 ou 15 anos.

X) Magda Soares (professora)

O mundo visto de uma estrela (15/06/1969)

Pode ser que, para muitos, seu nome seja estranho. Mas a professora Magda Soares Guimarães, mineira, nascida em Belo Horizonte, onde vive – é conhecida e admirada por nada menos de quatrocentos mil estudantes, de todo o País. Tudo por causa de seus livros, “Português Através de Textos” e “Manual do Professor”, best-sellers que a transformaram em milionária. Organizadora do Colégio Universitário de Belo Horizonte e livre-docente de Didática Geral da Faculdade de



Filosofia da UFMG, a professora Magda Soares Guimarães é reconhecida como um dos maiores talentos do ensino no Brasil. E é uma mulher com muita coisa para contar e, mais, para ensinar. Casada com o prof. José Geraldo Guimarães, a sra. Magda Soares tem quatro filhos. Aqui está o mundo dela: vale a pena viajar por ele e conhecê-la.

XI) Maria Lúcia Godoy (cantora lírica)

Acalanto para fazer o amor dormir (22/06/1969)

“Não basta a beleza da voz, mas a inteligência interpretativa: é uma artista”. Foi assim que o famoso Leopold Stokowsky, regente da Orquestra de Filadélfia, definiu Maria Lúcia Godoy, depois de vê-la cantar sob sua regência no Carnegie Hall e no Lincoln Center, em Nova Iorque. Dela falou também o “New York Times”: “Raramente podemos ouvir uma voz tão linda – disse o crítico musical do maior jornal do mundo – como a da brasileira Maria Lúcia Godoy”. Mineira, criada em Belo Horizonte, Maria Lúcia Godoy é hoje um dos maiores nomes da música brasileira. E aqui está, tal como foi sentida e, não, entrevistada.

XII) Sandra Carneiro de Mendonça (socialite e tradutora)

Os olhos abertos para ver o mundo (29/06/1969)

A fotografia e o nome dela, senhora Sandra Carneiro de Mendonça, estão sempre nas colunas sociais. Ela é uma elegante, da lista das “Dez Mais”, e é também uma pessoa requintada. Mas muito mais que podem sugerir os cronistas, que falam nela como uma mulher culta, a senhora Sandra Carneiro de Mendonça é uma pessoa que não tem medo da vida. E, para isso, faz da cultura uma boa auxiliar. Nascida no Rio, ainda assim, a senhora Sandra Carneiro de Mendonça, casada com o sr. José Joaquim Carneiro de Mendonça, é uma mineira. E sente a mineiridade, como fala Guimarães Rosa, romancista que ela sempre quis ler, mas achou difícil.

Em busca do Jornalismo Literário

A análise que deu origem a este trabalho foi realizada como uma monografia para conclusão do curso de pós-graduação em Jornalismo Literário, quando foram analisadas as doze reportagens em busca da presença (ou não) das sete características do Jornalismo Literário, conforme Norman Sims (1996). As características foram encontradas em todos os textos. No curto espaço deste artigo, citaremos dois exemplos: a análise dos textos de Henriqueta Lisboa (1901-1985) e Magda Soares (1932-2023). A escolha das duas foi feita de maneira a contemplar personagens que tiveram representatividade nacional em suas áreas. Henriqueta ganhou vários prêmios literários



ao longo da vida. Magda tornou-se uma das principais referências nacionais na área de alfabetização e letramento.

Presença das características do JL na reportagem sobre Henriqueta Lisboa

Quando foi entrevistá-la, a poetisa Henriqueta Lisboa vivia só. E, para acompanhar sua aparente solidão diária, Drummond vai à sua residência. Lá, descobre que ela está muito bem acompanhada ao lado de seus livros e da empregada:

Imersão do repórter na realidade

O repórter faz questão de mostrar ao leitor que esteve na casa da mulher-mito entrevistada, como no caso da poeta:

Quando toquei a campainha do apartamento pensava que seria fácil fazer uma pergunta assim à poetisa Henriqueta Lisboa. (...) Ela está contando que, certa noite, sonhou um poema inteiro.

O apartamento de dona Henriqueta Lisboa é muito vazio ainda que tenha mil livros. Estou aqui sem saber onde posso colocar a cinza do meu cigarro.

Ela me convida a chegar à sacada. Há uma sexta-feira lá embaixo e o som das vozes sobe até nós. Dona Henriqueta Lisboa está me falando sobre a vida.

Voz autoral

A imersão faz com que, muitas vezes, o repórter repasse ao leitor dados e informações sem que se utilize de declarações textuais ou precise atribuí-las a alguém.

Ele está ali vivendo e pode nos contar:

E este cinzeiro aqui nada parece saber do calor de um cigarro. É muito limpo e, assim, eu penso, jamais foi usado. Nada aqui sugere uma gravata, um paletó deixado na poltrona, um maço de cigarros com dois cigarros. E a sala em que estamos também não está acostumada com muita fumaça. Tanto que dona Henriqueta Lisboa pede licença e vai abrir a cortina e a porta de vidro que dão para a sacada.

Um poeta, um escritor, todos, são vistos muitas vezes como bichos de sete cabeças. Temos o mal costume de imaginá-los assim, diferentes de nós em tudo, e vou interrogando dona Henriqueta Lisboa.

Estilo



Os recursos de suspense e do “foreshadowing” são os que mais aparecem ao longo da narrativa:

Se um dia formos a Berlim Ocidental, por exemplo, poderemos ler seu nome – Henriqueta Lisboa. É só irmos andando até uma livraria e, lê, correr nossos olhos pela antologia em alemão dos grandes poetas da nossa América Latina. E, se estivermos em algum outro lugar, quem sabe Madri ou Buenos Aires ou Paris, isso também pode acontecer.

Na poltrona em que está sentada, com seu vestido que esconde os joelhos, aparece preocupada. Mas, ainda assim, nem sonha com a pergunta que trouxe comigo e que já nem sei como vou fazer.

Precisão de dados e informações

Com precisão das tonalidades, o repórter faz o leitor enxergar as serras que brotam da janela da casa da poeta. Aliás, do mesmo jeito que são vistas por Henriqueta durante o dia:

E, enquanto as olha a meu lado, vai me contando que são assim verdes, pela manhã. Mas conforme o céu esteja vestido ou não de nuvens ficam apenas puxadas a verde, ou verde-escuro ou levemente azuis. Nos fins de tarde as serras de dona Henriqueta ficam amarelo-laranja.

Humanização

Este recurso faz o leitor entender que dona Henriqueta Lisboa é uma mulher recatada e tímida, que abusa do intelecto e da discrição:

[...] a mulher de óculos que é Henriqueta Lisboa. Ela torce muito as mãos e algum susto anda por seus olhos, talvez por sentir que, pela primeira vez, terá de falar da própria vida.

- Pode usar o cinzeiro da mesinha – fala dona Henriqueta Lisboa – Eu nunca fumei na vida
Ela não fuma – o que, talvez, seja uma virtude. Ela não bebe – o que, talvez, seja um defeito. Costurar, dona Henriqueta costura, e bem. Mas na cozinha não é tão boa.

Uso de símbolos e metáforas

O uso de metáforas está nos subtítulos e na narrativa. Já as analogias aparecem nos apelidos que Roberto dá à poeta:

É uma mulher-pétala, assim tão branca e tão frágil, essa cujo poemas passeiam pelo mundo. Mas tudo nela é pétala. Os olhos são pétalas, as mãos são pétalas, o rosto, os cabelos e, também a voz, é de pétala.



Sim, é uma mulher-pétala.
Então uma manhã azul entra dentro da sala. O amor caminhando pela estrada. Jogo a conversa para a lua.

Digressão

A presença sutil da digressão aparece quando Roberto faz um pequeno discurso sobre o escritor Guimarães Rosa, seguido da transcrição completa de um conto do escritor:

Guimarães Rosa é muito difícil, sim, mas sabe da vida e das coisas de todos nós, homens e mulheres ou bichos. E suas histórias que ele só chamava de “estórias”, comovem, e espero que comovam dona Henriqueta. [...] Lá vai uma vaca viajando pela estrada, lá vai ela fugindo “por amor, não por acaso” [...].

Presença das características do JL na reportagem sobre Magda Soares

Roberto Drummond foi à casa de uma intelectual. Trata-se da professora de português Magda Soares, que revolucionou o ensino em Minas, e também no Brasil, ao lançar uma série de livros didáticos, entre eles “Português Através de Textos” e “Manual do Professor”:

Humanização

Para trazer à narrativa a característica da humanização Roberto Drummond se utiliza das impressões sobre a educadora Magda Soares, bem como o uso de diálogos:

Imaginei, então, que a sra. Magda Soares Guimarães usasse óculos daqueles de lentes grossa. Errei – ela usa lente de contato.

Dei a ela, antes de vê-la, uns 48 anos e fios brancos nos cabelos. Errei, mais uma vez – ela tem 38 anos.

E, aos poucos, é possível sentir que a sra. Magda Soares Guimarães é segura, tranqüila, sabe o que quer da vida. Tudo isso está escrito nela – nos olhos, no rosto, no jeito de falar. Ao contrário dos antigos professores de português, a professora Magda fala como todos nós. Nada de ser uma escrava da língua. Existem sempre um “entende?” e um “né” misturados em suas frases.

Dona Magda, mulher que usa pouca maquiagem mas se cuida, nunca tem tempo nem para escolher seus vestidos - nem o modelo, nem o tecido. É Sônia, admiradora de Dior, quem decide tudo... Ela desligou a radiola e logo acendeu um cigarro americano.

- Olha tenho quatro filhos. Mas não é dinheiro que quero deixar pra eles – ela parou um pouco, para acender outro cigarro – o quero deixar



para os meus filhos é a cultura, a vida, a capacidade de saber viver, entende?

-Eu acordo sem despertador, já me acostumei – conta.

Lê horóscopo, todos os dias. Seu signo é Virgem e sabe, toda manhã, o que lhe deve acontecer.

Imersão do repórter da realidade

Com credibilidade e emoção, Roberto conta seus momentos na casa de Magda Soares. É como se fosse um papo entre dois velhos amigos e não uma entrevista:

Olhei em volta, então. A sala da professora Magda é simples – uma radiola, um sofá, duas poltronas, uma mesinha, e lá ao fundo, uma estante com livros e dois quadros pintados pelo pai, o prof. Caio Líbano.

Foi então que um dos filhos da professora Magda, Marco Antônio, de 8 anos, entrou na sala. A tarde em que estive lá era, para todos eles, uma tarde diferente. Durante toda a semana, a professora Magda só fica em casa, mesmo, à noite – durante o dia está na Faculdade de Filosofia.

A professora Magda tomava um licor, eu, um uísque. Ela fumava muito e ia falando de sua vida. As dez da noite, após o teatro infantil, dona Magda ouve Mozart. É sempre assim. Depois vai dormir para acordar às 4 da madrugada.

Voz autoral

A figura do repórter contador de histórias, que se utiliza da escrita em primeira pessoa, muitas vezes com toques de poesia, é frequente em toda a narrativa:

Conversei cinco horas com uma mulher que, às vezes, se o mundo parece difícil, busca refúgio em Sírio. E, de lá, tão distante, ela vê o que acontece na Terra, com outros olhos.

Algumas mulheres parecem desamparadas e, vendo-as, temos a impressão de que qualquer vento pode derrubá-las. Mas a professora Magda Soares Guimarães, não. Ela me fez pensar, nem sei porque, numa árvore bem plantada e firme em suas raízes, das que enfrentam a noite e os riscos da noite com tempestade, mas no outro dia amanhecem mais fortes, e mais jovens, mesmo que o mundo em volta pareça mais velho.

Bastou que eu tocasse a campainha e a professora Magda Soares Guimarães surgisse, para que entendesse, novamente, que é um mau costume traçar uma imagem das pessoas, se não as conhecemos.



A força da professora Magda é intelectual. Logo sabemos que estamos diante de alguém muito capaz, alguém diferente e, talvez por isso, seus alunos da Faculdade de Educação gostam de procurá-la, se sentem algum problema, mesmo sentimental.

Estilo

Como já é de praxe, o repórter se utiliza do suspense, especificamente ao narrar o momento que escrevia a reportagem de Magda Soares, e o recurso do *flashback*. Nota-se também, ao ler a narrativa, a não-linearidade dos fatos apresentados no texto:

Sim, eu sei, foi a gripe. Ela chegou sem avisar, mudando minha voz, cassando minhas vontades. Tinha o ar febril da Hong-Kong e parecia ter vindo para ficar uns quatro dias. Basta dizer que para passei três horas diante da máquina de escrever, parado, derrotado. Buscava uma frase que tivesse, quem sabe, o poder de certas mulheres.

Está ruim, insista. Fui tentando e fracassando, fracassando e tentando, até que alguma coisa me disse que eu devia parar e sair um pouco.

De 4 da madrugada às 7 da manhã a professora Magda trabalha em algum livro. Está no momento adaptando o “Português Através dos Textos” para um único volume. Nunca escreve à máquina para não incomodar os vizinhos mas à mão.

Todas as noites, antes de dormir, ela, que muitos julgam o maior talento de professor universitário em Minas – se torna atriz. É a hora do teatrinho para os meninos.

Aos 13 anos foi campeã de natação pelo Minas Tênis. Gosta de nadar, o que faz sempre em Lagoa Santa. Sua disciplina foi herdada do protestantismo.

Precisão de dados e informações

O repórter trabalha com cifras, a fim de contextualizar ao leitor os valores em dinheiro que a educadora Magda Soares faturou ao vender seus livros:

“Ela vai receber, daqui a dez dias, 150 milhões antigos de direitos autorais e não sabe o que fazer com tanto dinheiro...”

- Muito mesmo – respondeu, e sorriu, e no que fechou um pouco os olhos – Já venderam um total de 400 mil exemplares...

- Ano passado recebi 80 milhões antigos em direitos autorais – ela falou, muito natural, como se acendesse outro cigarro. Daqui a uns dias vou receber mais 150 milhões antigos...



- Faz as contas – dá um total de NCr\$ 230 mil, em apenas dois anos. Estava diante de uma milionária e esse detalhe ninguém havia me falado.

Uso de Símbolos e Metáforas

Roberto se utiliza de comparações e metáforas para dar um toque poético à sua narrativa a respeito da professora Magda Soares:

“Apertei a campainha esperando surgir na minha frente uma mulher de óculos, igual às intelectuais de filme água-com-açúcar americano...”
A vida é boa quando pedimos asilo numa estrela.

Até que a senti, como um estalo, como uma luz que acende, mas logo apaga.

Digressão

A característica da digressão foi empregada nesta narrativa quando, para trazer uma reflexão ao leitor sobre a maneira inovadora de se ensinar a língua portuguesa proposta por Magda Soares, o repórter compila de um de seus livros um exercício de interpretação:

Toda preocupação de dona Magda, nos seus livros, é a de obrigar os alunos a pensar. Mas de forma agradável. No “Português Através de Textos”, para a 4ª série, encontrei um bom exemplo. Lá está a crônica “Amor e Outros Males”, de Rubem Braga.

“...Eu andava pela rua e sua lembrança era alguma coisa encostada em minha cara, travesseiro no ar, era um terceiro braço que me faltava, e doía um pouco...”.

E, assim, todos vão lendo Rubem Braga. Até que, no estudo do texto, dona Magda deixa algumas perguntas com os alunos. Afinal, o que Rubem Braga quis com sua crônica? Há quatro opções:

- a) contar a história de seu último amor?
- b) pedir perdão à leitora por ter qualificado o amor de incômodo?
- c) provar que o amor é um sentimento incômodo?
- d) mostrar que a dor de uma bursite é menor do que a dor do amor?

Na verdade, Rubem Braga andava, na época, meio rompido com o amor – e o julgava incômodo.

Bastidores de uma escrita literária

Por onde andam as mulheres-mito entrevistadas por Roberto na série “Mulher, Receita Mineira?”. Mais do que importante para compreender como as características



da abordagem de Drummond levaram a esses resultados estéticos demonstrados acima, falar com essas mulheres significava também reconstruir parte da própria história de Roberto Drummond, autor ainda pouco estudado. O desafio foi encontrá-las. No início desta pesquisa, em 2007, o paradeiro de algumas já era conhecido: Ângela Diniz, a Pantera de Minas, foi assassinada a tiros na Praia dos Ossos, em Búzios, por seu namorado, o playboy Doca Street, em 1976. Henriqueta Lisboa, Many Catão e Helena Antipoff também já haviam falecido. Com outras, não foi possível localizar contatos.

Mas as buscas não pararam. Até que, numa tarde, consegui conversar com a professora Magda Soares. Ela se surpreendeu ao fato de um jovem jornalista esteja fazendo algum estudo sobre esta série. “Tiago, pare de mexer nesta velharia? Nem tenho esta reportagem guardada – disse”. No entanto, pela insistência ao telefone, Magda Soares, então professora emérita da Faculdade de Educação da UFMG, reativou à memória para lembrar o dia em que Roberto a entrevistou:

Não foi uma entrevista demorada. Foram algumas horas só. Coisa de uma tarde. Que eu me lembre, ele não distorceu nada do que falei, ao contrário da maioria dos jornalistas. Ele foi bastante fiel. Agora, até hoje não entendo qual o critério que ele adotou para escolher as mulheres. Acho que fui escolhida errada.

Será que a escolha foi mesmo errada? Claro que não! A professora Magda Soares tinha (e continuou tendo por quase 15 anos mais depois desse contato) muito a ensinar:

Há pouco tempo tinha lançado uma coleção de livros didáticos, que ainda era novidade, não havia virado mania a produção de livros desta natureza. Sobretudo, em Belo Horizonte, uma cidade ainda provinciana. Foi um grande sucesso as publicações. Acredito que seja esta a razão de me escolher. Ele queria que eu dissesse coisas diferentes, como as mulheres entrevistadas anteriormente. Mas eu falava: Roberto, sou apenas uma professora de classe média.

Mas a professora de classe média acertou em cheio ao discursar sobre a proposta da série e seu valor para a compreensão da alma feminina mineira: “A série tinha um caráter muito pessoal. O Roberto queria entrar na intimidade das mulheres. E ele, como nunca, tinha a sensibilidade de perceber a mulher. Isso está óbvio em sua obra como romancista e também em ‘Mulher, Receita Mineira’”.

A repercussão, como foi dito anteriormente, alcançou o sucesso almejado. Magda Soares destacou os pontos responsáveis pelo destaque da série:



Esta série teve muita repercussão na época. Além de sair em página inteira, estava sendo publicada no jornal mais conhecido e de maior circulação em Minas. Além disso, a série teve uma grande importância, porque dava visibilidade, por razões diversas, às mulheres mineiras. De todos os tipos.

No seu caso, em específico, o retorno da reportagem foi pra lá de irreverente. Aos risos, a professora conta o porquê: “Na reportagem, Roberto me perguntava quanto eu tinha recebido com a venda dos livros. Inocente, respondi. Depois, o que deu de gente pedindo dinheiro emprestado pra mim...”.

No caso da madame Zilda Couto (1919-2022) e da cantora lírica Maria Lúcia Godoy (1924-2025), a tentativa de contato foi um pouco frustrante. Tanto a primeira quanto a segunda não se lembravam de um detalhe sequer da série “Mulher, Receita Mineira”. No caso de Zilda Couto, além de não se recordar da entrevista, a socialite mineira tinha se esquecido da figura de Roberto Drummond: “Quem foi Roberto Drummond? Não me lembro, não! Já faz muito tempo!”.

Ao contrário de Zilda, Maria Lúcia Godoy tinha uma voz vibrante e forte quando foi contatada em 2007: “Fui entrevistada muitas vezes e, sendo assim, não me recordo desta reportagem” – disse, e depois desconversou. “O que eu posso te falar é que estou lançando o meu álbum duplo chamado Maria Lúcia Godoy Canta Brasil-Itália!”. Todavia, provando que o recurso da metáfora ajuda as pessoas a fixarem certas informações, Maria Lúcia Godoy arriscou: “Lembro dele escrevendo que a lua entrava em meu apartamento...”, mencionando um trecho do texto sobre ela publicado por Drummond.

Com Priscila Freire, que à época da pesquisa, era diretora do Museu da Pampulha, a conversa fluiu bem. Além de amiga de Roberto, a diretora do MAP lembrava da série e de sua repercussão no cenário social de Belo Horizonte:

A série, na época, despertou muita curiosidade. O ambiente social e intelectual de Belo Horizonte era muito limitado. Todo mundo se conhecia (considerando uma determinada faixa social). Roberto foi além das pequenas notícias de colunas do jornal. Ele tentou se envolver com a vida de cada uma das suas selecionadas e penetrar no cotidiano delas.

Quanto ao processo de apuração, Priscila conta que Roberto acompanhou seus afazeres em casa e no teatro durante um ou dois dias, mostrando assim seu comprometimento com a imersão do repórter na realidade: “Roberto Drummond me



acompanhou, não me lembro, se só um dia ou dois. Eu dirigia meu fusca e ele ia do lado conversando e fazendo perguntas. Estivemos em minha casa, no meu sítio e no teatro”. Tal como Truman Capote, na apuração de informações para o seu livro “A Sangue Frio”, Roberto não tomava nota do bate-papo, nem tampouco usava gravador:

Quando ele me procurou ele já sabia do que eu fazia e de como me dividia entre as festas e o meu empenho em tratar da minha grande paixão: o teatro. Não se tratou especialmente de uma entrevista. Não havia gravador e nem percebi que o Roberto estivesse tomando nota às escondidas.

Ao contrário de Many Catão, que não gostou do resultado final da reportagem, Priscila aprovou a narrativa de Roberto, digna de um romancista:

Gostei de me ver focalizada por um jornalista-escritor, da qualidade dele, e das fantasias que ele criou a meu respeito. Era uma realidade fantasiada mas que não fugia à verdade. Se eu me encontrei? Claro que me encontrei. Você, às vezes, se vê de um jeito diferente daquele que as pessoas te vêem... Mas acho que ele foi verdadeiro explorando o que mais o tocou na minha personalidade. O interesse cultural e o fato de também ser uma socialite freqüentadora de salões de festas.

Para Priscila, a série “Mulher, Receita Mineira” foi, além da compreensão do íntimo de doze mulheres, “um alerta para um mundo que se anunciava mais responsável, o que não tinha nada a ver com o charme feminino”. Ela também destacou, em nosso bate-papo, o fascínio de Roberto pelo universo feminino: “Roberto tinha um prazer por este mundo de festas, perfumes, bebidas e, é claro, de mulheres bonitas, bem penteadas e perfumadas”. Com carinho, atriz se lembra do último encontro com Roberto Drummond, antes de sua morte. Na ocasião, o repórter estava num barzinho da Savassi, em Belo Horizonte, rodeado de jovens mulheres.

As meninas deslumbradas de estarem ali de papo com um intelectual. E ele encantado com aquela platéia. Aproximei-me e o cumprimentei com dois beijos. Ele me apresentou ao grupo: É a Priscila Freire. Elas me olharam sem interesse. Nunca tinham ouvido falar. No entanto, como continuo a freqüentar os jornais e as notícias, afinal sou diretora de um museu de arte, deduzi que aquele grupo era completamente fora do ar em se tratando de literatura, arte ou qualquer gancho que inspirasse uma reflexão mais séria. No entanto, lá estava o nosso Roberto Drummond, felicíssimo e fascinado com a turma de meninas que o envolvia. Sobre o que estariam falando? No entanto, todo o fascínio que as mulheres poderiam exercer sobre ele ficava por ali. A sedução era calibrada. Bom escritor e bom mineiro. Cuidadoso. Não



levava jeito de convidar alguma mulher para outro programa que não fosse aquele papinho num bar da Savassi.

Uma aula de JL e o uso da primeira pessoa

Ainda não foi mencionado que, além das doze reportagens sobre as mulheres mineiras, Roberto Drummond escreveu uma décima terceira revelando ao leitor os preparativos da série. A reportagem intitulada “Um Ex-Repórter Robô ou a Procura de Doze Histórias Verdadeiras” foi publicada no dia 6 de julho de 1969, um domingo após a última mulher-mito apresentada pela série.

Muito além de funcionar como um *making-of* ou bastidores da série “Mulher, Receita Mineira”, a reportagem “Um Ex-Repórter Robô ou a Procura de Doze Histórias Verdadeiras” é, sobretudo, uma aula de jornalismo. Por sinal, de Jornalismo Literário. Nela, o repórter discute o papel frio e o engessamento do jornalismo convencional, apresenta ao leitor o seu processo de criação, faz uma avaliação sobre o resultado final das narrativas e revela suas emoções e seus preconceitos (os que foram quebrados ou não) durante as entrevistas.

Já no começo da narrativa, usando como exemplo a cobertura de um avião que caiu no Amazonas, Roberto alfineta a imprensa de sua época, representada por, como gosta de dizer, repórteres da geração-robô:

Querem fazer de nós simples robôs. Apertam um botão qualquer e lá vamos, em busca do avião que caiu no Amazonas, ou da atriz que desceu no Galeão, ou da miss com seus olhos cor de mar. Nós, os repórteres da geração-robô, temos pernas, e andamos, temos mãos, e escrevemos. Mas, computadores da era do “copy-desk”, estamos proibidos de pensar, de sentir, de criar.

O jornalista não só crítica como se enquadra nas vertentes do jornalismo tradicional. Por pouco tempo, é claro:

Faz uns dez ou doze anos que a imprensa brasileira vem tentando matar seus repórteres. Matar ou fazer deles robôs dos anos 60. Toda uma lista de proibições foi feita pelos responsáveis por tudo, os tecnocratas – que estão nas redações e nos cursos de jornalismo. Já fui um deles, devo confessar. E dos mais rígidos, temperamentais e empolgados. Mas nestas doze histórias de mulheres violencei todas as minhas antigas verdades.



E violentou, mesmo. Até porque “Mulher, Receita Mineira” é um conjunto de quebra de sólidos paradigmas do jornalismo tradicional e frio, como Roberto lista a seguir:

Era proibido escrever em primeira pessoa. Eu escrevi, usando o eu. Era proibido perder a objetividade, isto é, fugir do assunto. Eu fugi, dei todos os vãos possíveis. Era proibido opinar sobre alguém que entrevistamos. Eu opinei, falei bastante o que senti. Era proibido escrever muito, as reportagens grandes cansam. Escrevi nove páginas a respeito de cada mulher. Era proibido falar muito em escritores. Falei em Hemingway, em Garcia Lorca, em Bertold Brecht, em Guimarães Rosa. Era proibido ter um jeito pessoal de ver as coisas. Eu tentei, pelo menos tentei, usar o meu.

E ultrapassando todas essas proibições, Drummond traz à imprensa brasileira uma narrativa envolvente, longe de ser cansativa, que usa e abusa das características, como foi visto anteriormente, do JL: “E era só isso que eu queria, quando comecei a escrever a série ‘Mulher, Receita Mineira’, nada mais do que isso: violentar todas as proibições postas no caminho dos repórteres”.

Mas as provocações e reflexões à imprensa tradicional brasileira não param. Roberto atribui ao dramaturgo Nelson Rodrigues a pessoa quem primeiro se ateu ao rumo que o jornalismo da época tomava. “‘Estão matando os repórteres’ – foi mais ou menos assim que escreveu Nelson Rodrigues – ‘com esta mania de frieza, do impessoal, do indiferentismo’. Nelson Rodrigues tem toda a razão”.

A indiferença do jornalista da sua época, acostumado apenas em relatar o arroz com feijão, isto é, uma notícia diferente da mesma forma, também é alvo das críticas do ex-repórter robô. “Cada avião cai de um jeito diferente. Menos nos jornais brasileiros. Todos desastres, aconteçam em Hong-Kong ou na Amazônia, são descritos da mesma maneira”. E há solução? Roberto diz que sim. E aponta o que os jornalistas não devem, nem em último caso, fazer:

E se nós os repórteres-robôs vamos à Amazônia nunca podemos falar do que sentimos quando a sobrevoamos. Afinal, devemos ser, desde já, como os computadores, futuros substitutos nossos. Quando conversamos com Pelé também devemos evitar dizer qual a impressão que tivemos dele.



A influência profissional, como a do escritor Ernest Hemingway, é citada na narrativa como um exemplo bom a seguir. “Pouco importa se quarenta anos atrás, um jovem repórter que se chamava Ernest Hemingway, tenha feito exatamente o contrário nos jornais dos EUA. Só querem que façamos o que os que não foram Hemingway fizeram”.

Enfim, antes de passar para um breve comentário a respeito de cada reportagem, Roberto enfatiza que a série foi, além da quebra dos paradigmas em seu modo de fazer jornalismo, a ruptura de antigos preconceitos. “Era só o que eu queria – entrevistar doze mulheres de uma maneira diferente e, ao escrever, ser anti-robô. Mal pensava que iria vencer muitos outros preconceitos, que trazia comigo”.

E por falar em preconceitos, a primeira entrevistada da série, a madame Zilda Couto, surpreendeu o repórter:

Mas o fato de, pessoalmente, eu ver a vida com outros olhos, não me poderia levar a traçar um retrato pré-fabricado e dizer: está é que é a sra. Zilda Couto. [...] Nada de discussões. [...] É do tipo das pessoas que as outras pessoas procuram para se for o caso pedir uma ajuda sentimental. [...] Dentro de seu palacete, o que encontrei na sra. Zilda Couto, além da elegante que todos conhecem, foi uma mulher em que a religião ocupa seu tempo até nas reuniões sociais.

Das palavras de Helena Antipoff, a educadora, Roberto tirou um ensinamento que levaria para o resto da vida: “Do que vi e ouvi em dona Helena Antipoff, o que ficou, também foi a impressão de que, se somos fortes, enfrentamos tudo e vencemos. E que a vida, mesmo quando dura, pode ser derrotada por nós, se formos como Helena Antipoff e soubermos resistir”.

O repórter ainda aproveita a narrativa para contar que, no caso da bela Lilian Sônia, sua severidade na hora de entrevista-la falou mais alto:

Fui muito severo, enquanto a entrevistei, talvez nunca tenha sido tão severo. [...] É atualizada e preocupada em aprender, e nada tem das esnobes, e nada tem dos ‘retratos’ que ouvi a respeito dela – é uma mulher inteligente, curiosa, que não pensa apenas em reuniões sociais.

Ao discursar sobre a irreverente Many Catão, a mulher muito sensível e que faz milagres, Roberto não deixa de colocar em pratos limpos a opinião da estilista, logo após



a publicação de sua entrevista. “É muito franca – não gostou do que escrevi a seu respeito e me disse tudo que pensava. Isso é muito bom”.

A atriz Domitila do Amaral também impressionou o repórter, com seu modo de viver que, muitas vezes, a fez ser chamada de louca pelas pessoas. “Quando tiver que falar em alguém que mais já me impressionou, darei seu nome Domitila Amaral. [...] Se nos disserem que alguém é louco, devemos ir lá ver. Às vezes, pode acontecer, os loucos são os que parecem normais demais”.

Para finalizar Roberto faz um manifesto, por meio de palavras, sobre a satisfação pessoal e profissional de ter escrito uma série de reportagens deste quilate. “Falta agora acrescentar que, nunca, em dez ou doze anos de jornalismo, senti tanto entusiasmo por um trabalho, como senti desta vez, quando ouvi doze mulheres e tentei mostrá-las com verdade. Tanto que, se tivesse que começar de novo, eu começaria e entrevistaria as mesmas doze mulheres. E, talvez, pudesse mostrá-las de forma que eu também lesse e dissesse: não está faltando nada”.

Uso da primeira pessoa na narrativa jornalística

Este capítulo discutirá a escrita em primeira pessoa, bem como as contribuições desta prática ao advento do JL. Para tanto, além da análise da narrativa de Roberto Drummond na série “Mulher, Receita Mineira” foi necessária a leitura do artigo: “A Polêmica do Jornalismo na Primeira Pessoa”, publicado por Carlos Castilho (2005), bem como entrevistar dois jornalistas de renome que já saborearam o gostinho de escrever em primeira pessoa. O primeiro é o próprio autor do texto citado, que foi editor e redator do *Jornal do Brasil*; o segundo é José Hamilton Ribeiro, vencedor de sete prêmios Esso e que durante décadas foi repórter especial de Globo Rural, além de ter passado por diversos outros veículos, como a revista *Realidade*.

Em seu artigo, Castilho (2005) afirma que, durante décadas, o jornalismo brasileiro foi quase um sinônimo de texto na terceira pessoa. “O repórter era o intermediário entre o protagonista da notícia e o leitor, o que o transformava num narrador, na terceira pessoa” (on-line). No entanto, o rádio e a televisão, que atualmente perdem o *status* devido ao fenômeno do blog, foram responsáveis por



quebrar o império da reportagem na terceira pessoa e conciliá-la à narrativa baseada no eu.

A primeira pessoa passou a ser mais relevante com o advento da internet e principalmente dos blogs, na primeira década do século XXI. Um ponto interessante na discussão sobre a narrativa baseada no eu é sua semelhança com a figura de um contador de histórias. Ora, quem não teve uma avó ou um tio mais velho que, à beira da cama ou de um fogão à lenha, contasse algum caso, com um pé na realidade e outro na fantasia.

Desde sempre, o ser humano contou histórias, deu vazão à sua intrínseca necessidade de comunicação, traduzindo, por meio de palavras, os acontecimentos cotidianos, as memórias transmitidas por seus ancestrais, as dúvidas, alegrias, angústias e prazeres de sua existência. Em tempos passados era ao redor de uma fogueira que pessoas se reuniam para escutar os mais velhos narrarem suas aventuras, lembranças e ensinamentos. A palavra pronunciada era legitimadora, verdadeira, incontestável (Fleck, 2007, p. 219)

O jornalista Steve Outing, do Instituto Poynter, um dos mais renomados centros de estudo de jornalismo da Flórida, nos Estados Unidos, lançou a tese de que o jornalismo na primeira pessoa é uma fórmula híbrida, que combina o estilo tradicional e o gênero contador de histórias, adotado pela maioria dos blogueiros e, mais recentemente, pelos influenciadores digitais. A postura dele é a valorização do gênero contador de histórias no jornalismo. Um estilo que se perdeu no tempo mas que é a origem de todo o jornalismo. Afinal, todos os grandes pioneiros de nossa profissão, como Tom Paine, eram no fundo contadores de histórias. No interior do Brasil e em comunidades mais isoladas, o contador de histórias ocupa um lugar tão importante na comunidade, tanto em matéria de transmissão de informações quanto o de um comentarista econômico da televisão.

O jornalista, escritor e professor Fabiano Ormanzeze (2006) também reflete em seu livro: “Vidas Partidas – História de Luto Materno” a perda da figura do contador de histórias na sociedade contemporânea ao citar Walter Benjamin:

Walter Benjamin (1987) mostra que, no mundo moderno, o homem perdeu a capacidade de partilhar suas experiências, de contar e ouvir histórias que vivenciou. Aponta o advento do romance e a difusão da informação como os responsáveis por tal declínio. Pelo menos na



teoria literária, o romance não procede da tradição oral e o tipo de informação jornalística valorizado durante praticamente toda a segunda metade do século XX tende a ser breve, neutro e objetivo (Benjamin *apud* Ormaneze, 2006, p. 156)

A escritora Cristiane Costa, em seu livro: “Pena de Aluguel”, apresenta uma fórmula de readaptação do tradicional lide à prática do contador de histórias que, sobretudo, pode ser muito bem empregada na narrativa em JL:

A proposta não é aposentar os tradicionais “quem, [o quê], quando, onde, como e por quê”, que formam a base da pirâmide invertida e do padrão moderno de jornalismo. Mas adaptá-los ao modelo de narrative writing, de forma que permitam a construção de um texto mais complexo. Dessa forma, “quem?” vira sinônimo de personagem; “o quê?”, de *plot*³; “onde”, de cenário; “quando?”, de contexto; “por quê?” de *leitmotiv*⁴; “como?”, de forma (2005, p. 43).

E o porquê do combate a este tipo de narrativa? Para Carlos Castilho, o texto na primeira pessoa ainda incomoda a maioria dos jornalistas, pois erroneamente esta prática tem sido associada à exacerbação do protagonismo e da parcialidade, atitudes vistas como um pecado no exercício da profissão.

A narrativa na primeira pessoa é válida em princípio, mas sua utilização depende de contextos e de objetivos. São eles que determinam basicamente se ela foi bem ou mal usada. Em si, o gênero primeira pessoa não pode ser condenado *a priori*.

Não é à toa que uma nova postura diante da prática na narrativa baseada no eu tem entrado na discussão da grande imprensa e das principais universidades norte-americanas. Prova disso é o programa noticioso “First Person” (Primeira Pessoa, traduzindo para o português), criado pela rede TV ABC, em que o protagonista da vez se dirige ao telespectador, sem a intervenção de um repórter. Tanto Carlos Castilho quanto José Hamilton foram enfáticos ao afirmar: o uso desta modalidade é aceito e aprovado, mas depende do contexto. Até porque, como disse José Hamilton, “escrever na primeira é um risco, uma temeridade, uma vanglória, ou um testemunho real, quente e cheio de força. Depende do que a pessoa tem a dizer, se é pertinente ou não, se tem sentido ou

³ A palavra “plot”, de origem inglesa, define a trama, o clímax da narrativa.

⁴ A palavra “leitmotiv” remete à ideia de essência, aprofundamento das causas que dão origem à narrativa.



não”. Carlos Castilho também reforça a ideia: “o uso da primeira pessoa não é uma licença para abusar do sentimentalismo, da adjetivação desnecessária, do protagonismo e muito menos para publicar informações de veracidade duvidosa”.

No entanto, a prática baseada no eu está intimamente ligada às características do JL, principalmente estilo (até porque permite o autor abusar do texto próprio) e humanização, na medida em que é uma forma poderosa de transmitir as emoções vividas pelo repórter. No final das contas, há até uma tendência do leitor valorizar esta prática por uma questão de identificação (de um ser humano com o outro). Isto é, ele se coloca na pele do protagonista.

Sobre esta questão, Carlos Castilho afirma que, no caso de um repórter contar uma experiência pessoal única, ele evidentemente usará a primeira pessoa porque só ele viveu aquela situação. Narrar na terceira pessoa soaria no mínimo esdrúxulo. José Hamilton também destaca a reação positiva do leitor ao se deparar com um texto bem feito escrito na primeira pessoa: “Se a coisa é apropriada, se tem sentido o repórter contar o assunto desta forma, o leitor se emociona e tem um ganho com a leitura, vibra com ela”.

Apesar das controvérsias, o pano de fundo para a questão é a seguinte: todos os repórteres escrevem ou narram algum acontecimento segundo a sua percepção. Dessa forma, mesmo quando tentam ser isentos ou distanciados, não dá para escapar a visão pessoal, como diz Carlos Castilho: “o uso da terceira pessoa pode tentar gerar uma percepção de que o repórter adotou uma postura clínica, mas isto não diminui o fato de que é ele que está contando, e não uma entidade abstrata e impessoal”.

Enfim, não se pode descartar a força da narrativa da primeira pessoa e sua associação ao JL. Como prova, basta citar a série analisada por este estudo, na qual o jornalista Roberto Drummond aplica com propriedade as sete características citadas por Sims associadas à prática do eu. Até porque Drummond procura fugir do protagonismo desnecessário, do excesso de vaidade e adjetivação, além de não se intimidar ao apresentar o leitor suas emoções pessoais (que passa longe de um texto piegas) com relação às personagens.

Por essas e outras, é possível afirmar que a narrativa baseada no eu traz de volta a velha função do contador de histórias, que recheia sua narração com sons, cheiros, impressões, detalhes... Afinal, ao escutar uma história contada usando a primeira



pessoa a veracidade dos fatos, como já foi citada anteriormente, parece mais próximo do real. Até porque o jornalista contador de histórias está ali para testemunhar todos os fatos narrados. E narrar assim, com a precisão de dados, além de outras características já apresentadas, é nada mais nada menos que utilizar-se da ferramenta do JL. Portanto, uma boa opção na hora de escrever uma narrativa envolvente.

Considerações finais

Tal como diz o detetive inglês Sherlock Holmes: “Elementar, meu caro Watson!”. Pois é, elementar, meu caro leitor. O enigma foi decifrado: o que Roberto Drummond fez na série “Mulher, Receita Mineira” é definido (e até um ótimo exemplo) como JL. Prova disso, é que as sete características citadas por Normam Sims aparecem mais de uma vez em cada uma das doze reportagens publicadas no Caderno Feminino do Estado de Minas.

Também, já era de se esperar. Escritor e jornalista sempre se confundiram na vida de Roberto. Ora, escrevinhador de quimeras, como gostava de ressaltar em suas crônicas, ora escrevinhador da realidade. Roberto tinha um jeito peculiar de tratar a sua produção, seja ela jornalística ou literária. Reescrevia os seus livros (e quem sabe também suas crônicas e reportagens) mais de uma vez. Dito e feito: o resultado final é uma narrativa envolvente, que faz o leitor não desgrudar os olhos do texto.

Nunca usou o termo: Jornalismo Literário, nem tampouco New Journalism. Mas sempre deu pistas ao leitor e aos seus discípulos que ele, Roberto, se dava muito bem com estas duas modalidades jornalísticas. Não citava Jornalismo Literário, mas falava em jornalismo anticonvencional, ex repórter-robô, narrativas envolventes, textos bem trabalhados (com sensações, sentimentos e impressões), uso da primeira pessoa, reportagens que espelhavam além do óbvio... Não discursava sobre New Journalism, mas lia Gay Talese. Aliás, era aficionado pelo perfil “Frank Sinatra está Resfriado”, obra-prima do livro de Talese: “Fama & Anonimato”.

O próprio Roberto deixa claro em “Um Ex-Repórter Robô ou a Procura de Doze Histórias Verdadeiras”, última reportagem da série, que pode ser considerada uma aula de JL, suas intenções jornalísticas (e também literárias) ao escrever estes doze perfis, que ultrapassaram seus limites e preconceitos. E que fizeram a imprensa brasileira, em especial o jornal Estado de Minas, perceber que aquelas narrativas fugiam de quaisquer



toques de engessamento do jornalismo tradicional: o do lide e da pirâmide invertida. E não é que perceberam mesmo. Afinal, Roberto arrebatou o Prêmio Esso Regional em 1969, mesmo ano em que a série foi publicada.

A estreia no JL aconteceu em bom estilo: no revolucionário *Binômio*, que rompia as amarras do jornalismo convencional. Com a reportagem “Comércio de Seres Humanos”, ganhou fama e prestígio. E, acima de tudo, se preparou para escrever “Mulher, Receita Mineira”, sua reportagem xodó. Vira-e-mexe citava a série em suas conversinhas de final de tarde na Savassi.

Da realidade à ficção, mais uma prova que a narrativa de Roberto desta série tinha toques literários, algumas mulheres-mito ganharam as crônicas e os contos do escritor. À Many Catão Roberto dedicou várias de suas crônicas publicadas nos jornais Estado de Minas e Hoje em Dia. Dois exemplos: “Envolvendo Many Catão” e “Em Louvor de Many Catão”. Aliás, dizem as línguas-de-trapo que Jandira, personagem do livro “Amanuense Belmiro”, de Ciro dos Anjos, foi inspirada em Many. Já Ângela Diniz, a Pantera de Minas, foi homenageada e inspirou a protagonista do conto surrealista: “Isabel Numa 5ª Feira”, que compõe o livro “A Morte de DJ em Paris”.

Outras provas estão na trajetória do escritor: Roberto tinha fascínio em compreender o universo feminino. “Mulher, Receita Mineira” foi o pontapé. Nela, o repórter procurou mergulhar na alma e no íntimo de doze mulheres. Se não conseguiu (pouco provável), chegou bem perto. Os ingredientes que formam estas mulheres, apurados ao longo da série, ajudaram Roberto compor as futuras personagens de seus romances. Suas Hildas Furacão, Rovenas, Narcisas, Fabianas, Manuelas, Catulas, Vós Inácias, entre tantas.

Um texto com identidade. Isto é, com um estilo inconfundível. É assim que se pode rotular a produção jornalístico-literária de Roberto Drummond. E nada mais justo que se utilizar da prática da primeira pessoa. Em “Mulher, Receita Mineira” ficou explícito o bom senso do repórter, que soube dosar suas impressões, sentimentos, sensações e sentidos a uma narrativa preocupada, sobretudo, com a veracidade dos fatos. Ou melhor, Roberto soube administrar com propriedade o uso desta prática, fugindo do protagonismo desnecessário.

E por falar em protagonismo, a reflexão que ficou sobre a narrativa baseada no eu é a seguinte: não extrapolar. Afinal, não é em todos os momentos em que a primeira



pessoa é bem empregada no jornalismo. Depende de um contexto e de uma proposta. É um terreno perigoso, que pode soar como piegas e até como ficção. Porém, uma realização profissional fora do comum. Que o diga Roberto Drummond, José Hamilton Ribeiro e Carlos Castilho.

Após esta constatação, é pertinente afirmar que o presente estudo alcançou (mas não esgotou) os seus três objetivos. Pode-se discutir e enfatizar a importância das narrativas em JL. E o quanto a imprensa atual necessita cada vez mais de textos como os da série “Mulher, Receita Mineira”. Num segundo momento, foi possível desmistificar o uso da narrativa baseada no eu. Desassociar a sua produção ao arrogante protagonismo desnecessário. E, por último, o de revelar outra faceta de Drummond, conhecido apenas como exímio cronista e escritor. O caminho proposto foi percorrido com sucesso. Mas é apenas o começo. Até porque Roberto Drummond (e também sua produção jornalística) tem ainda muito o que falar. Ou como dizem as fofoqueiras do interior de Minas: dão pano pra manga.

Portanto, as bases do JL, bem ao estilo mineiro, foram lançadas. Basta agora, nós, os repórteres do século XXI aproveitá-las, sabendo dosar tintim por tintim os ingredientes que Norman Sims profetizou e que, muito antes, já haviam sido esboçadas por Tom Wolfe. E que, é claro, acima de tudo, já estavam presentes numa série de reportagens escrita por um certo jornalista mineiro chamado Roberto Drummond.

“Mulher, Receita Mineira” é quente. Ao contrário das reportagens frias do jornalismo tradicional. “Mulher, Receita Mineira” é vibrante, contrariando a maioria dos textos monótonos do jornalismo atual. “Mulher, Receita Mineira” é envolvente, ao contrário das narrativas que se lê por aí. “Mulher, Receita Mineira” tem suspense, tal como um conto policial, bem diferente dos textos construídos usando a fórmula engessada do lide e da pirâmide invertida.

Não à toa, a série se torna um bom exemplo de Jornalismo Literário. Aliás, de um Jornalismo Literário com sabor mineiro, sô!

“Mulher, Receita Mineira”: um ótimo exemplo a ser copiado e reinventado por todos nós, narradores da realidade.



Referências bibliográficas

- COSTA, C. **Pena de aluguel**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- FALASCHI, C. L. **Identificação de narrativas e características criativas no jornalismo impresso diário brasileiro**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Faculdade de Psicologia, Puc-Campinas, 2005.
- LIMA, E. P. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 3. ed. Barueri: Manole, 2004.
- ORMANEZE, F. **Vidas Partidas: histórias de luto materno**. Campinas: Akadêmica Editora, 2006.
- DRUMMOND, R. Mulher, Receita Mineira (série de reportagens). **Estado de Minas**. Belo Horizonte, 1969.
- CASTILHO, C. A polêmica do jornalismo na primeira pessoa. **Observatório da Imprensa**. 8 ago. 2005. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/a-polemica-do-jornalismo-na-primeira-pessoa/>. Acesso em: 20 maio 2025.
- FLECK, F. O. Contador de histórias: uma nova profissão?. **Revista Eletrônica Encontros Bibli**, n. 23. Florianópolis, 2007, p. 216-226. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2007v12n23p216>. Acesso em: 25 abr. 2025.

Entrevistas

- CASTILHO, C. Entrevista concedida a Tiago Gonçalves. 25 jan. 2007.
- COUTO, Z. Entrevista concedida a Tiago Gonçalves. 7 maio 2007.
- FREIRE, P. Entrevista concedida a Tiago Gonçalves. 9 maio 2007.
- GODOY, M. L. Entrevista concedida a Tiago Gonçalves. 7 maio 2007.
- RIBEIRO, J. H. Entrevista concedida a Tiago Gonçalves. 19 mar. 2007.
- SOARES, M. Entrevista concedida a Tiago Gonçalves. 6 maio 2007.

